

UM CONTO DE HOLDEMAR MENEZES: A COLEIRA DE PEGGY

IAPONAN SOARES*

A narrativa "A Coleira de Peggy", de Holdemar Menezes, integra a segunda edição do **Panorama do Conto Catarinense**¹, antologia que procura reunir sob uma perspectiva histórica e qualitativa, as diversas tendências e caminhos do conto brasileiro em nosso Estado.

Com efeito, "A Coleira de Peggy" representa no **Panorama** a linha fantástica de nossa moderna ficção, que por sinal está acompanhada de duas outras narrativas do mesmo gênero, o que serve para mostrar as diferentes faces que o problema apresenta. As duas outras narrativas são "O Homem Voador", de Rodrigo de Haro, e "Os Milagres do Cão Jerônimo", de Péricles Prade.

Tem sido pouco freqüente na obra ficcional de Holdemar Menezes, as experiências com o gênero fantástico. Nos livros de estórias curtas que publicou até agora - **A Coleira de Peggy** e **Sonda Uretral**² - só em duas oportunidades o autor envereda por esse novo caminho. Trata-se de "O Ruminante" e o já citado "A Coleira de Peggy", ambas publicadas no volume de estréia e que traz como título o nome dessa segunda narrativa.

O conto "O Ruminante" tem seu tema centrado num problema

*Escritor
Diretor do Arquivo de Santa Catarina.

de metamorfose, fenômeno que se dá, não em aspectos físicos, como nos relatos kafkianos, mas psicologicamente, fazendo com que a personagem, seguindo um impulso rebelde, mude de hábitos alimentares e, através dessa mudança encontre o equilíbrio emocional que lhe faltava.

Em "A Coleira de Peggy", que será aqui objeto de análise mais particularizada, a temática enfoca um problema de deformação física, o que, de resto, parece ser uma linha constante nos relatos fantásticos.

O ESPAÇO NARRATIVO

Para o crítico Vicente Ataíde, em estudo sobre a narrativa da ficção, "a idéia mais exata e profunda do espaço é aquela que o veicula a um estado anímico". Noutro tópico, o autor esclarece melhor seu conceito de espaço, afirmando que "numa narrativa de boa qualidade qualquer indicação sobre áreas geográficas, interiores, paisagens, deve ser entendida como conexa a outros constituintes ficcionais"³.

Em Holdemar Menezes, o problema de espaço é um componente indissolúvel do próprio tecido ficcional. Isto é, ele tem a propriedade simbólica de estabelecer as linhas de tensão (o grau de conflito), bem como serve para desencadear as variadas modulações do texto.

A narrativa começa abruptamente, como se o leitor chegassem no meio de uma conversa e por isso desconhecesse os fatos que foram antes comentados.

"É este o emprego, diz o Sr. Carlos"⁴.

A partir deste instante, o narrador/personagem vai encaminhando os acontecimentos, numa sucessão de quadros onde se pode observar, em outro plano, a cidade, seus habitantes, o mar, o clube onde as camadas mais privilegiadas desfrutam o lazer; as insinuações de negócios; o Sr. Carlos, a Sra. Helena e, por fim, Peggy, seu mundo de recluso, sua jaula.

Esse espaço que situa a narrativa, parte do geral para o particular, procurando refletir a própria diretriz que tomam os acontecimentos, é à medida que se concentra no aprendizado de

Peggy, perde os contornos externos, para reaparecer depois, com impacto, no desenlace final.

Sendo um narrador não ligado à corrente introspectiva da ficção, Holdemar Menezes usa o cenário como parte representativa do "eu" de cada personagem, dando-lhe animação e organicidade.

RECURSOS DE COMPOSIÇÃO

Uma das particularidades que nos chama a atenção no texto de Holdemar Menezes é a utilização, em alguns momentos da narrativa, de recursos descritivos como elementos de composição externa. Se em outras peças ficcionais deste autor esse elemento se encontra quase sempre implícito, na estória aqui abordada o recurso descritivo é um dado de composição do ambiente que aparece quase em primeiro plano, o que provoca, de imediato, seu estranhamento.

Ao examinarmos essa postura do autor em revelar elementos externos na condução do relato sobre Peggy, vamos notar que esse dado não é meramente ornamental, como poderia parecer ao primeiro instante, mas um importante componente da biografia do personagem-narrador que, vindo de fora, isto é, sem pertencer ao meio nem dele ter maior informação, tem sensibilidade para ver, descobrir, ouvir e sentir os elementos naturais do mundo que encontra, mundo esse que vai gradativamente perdendo seus contornos à medida em que se adensam os problemas de relações humanas.

Com efeito, nesse sentido a narrativa de Holdemar Menezes tem dois estágios. No primeiro, o personagem-narrador vai descobrir o mundo que o cerca. E como um estranho ao meio, sua ótica capta com ligereza dados referenciais, que servem ao mesmo tempo para compor a atmosfera do relato. Vejamos dois exemplos:

"A brisa mansa batia na superfície da baía cinzenta"⁵.

"... permaneci desatento, olhando o poente vermelho sobre as águas domesticadas, o vento soprando com suavidade, os barcos atracando no trapiche de madeira"⁶.

Esse recurso narrativo, que no conto é um processo da narrativa - porque distingue e ordena⁷ -, logo deixa o lado externo para o lado da paisagem humana, tendo nesse campo algumas referências muito significativas, como nos dois textos transcritos a cor da paisagem e a indicação de "águas domesticadas", esta última com característica de metáfora polivalente, que transparece à medida que se comprehende as intenções do personagem-narrador em racionalizar os instintos de Peggy.

É o segundo momento da narrativa, quando o foco dos acontecimentos estão centrados nas relações personagem-narrador/Peggy.

PROCEDIMENTOS POÉTICOS

O questionamento pelo autor do fazer literário, isto é, a sua **ars poética**, é uma das constantes formais da narrativa contemporânea, a ponto de alterar a configuração tradicional dessa mesma narrativa⁸.

Em "A Coleira de Peggy", a estória se constrói sob o signo da eficiência e do saber. O ato criativo é, sob esse prisma, a decorrência de trabalho que exige competência, decisão e vontade.

Assim, o próprio Sr. Carlos, pai de Peggy, tem olhos "cor de aço polido"⁹. Aqui, no caso, o que importa é a referência ao produto acabado "aço polido". A coleira que se destina a Peggy tem requintes de acabamento, com "cinco carreiras de furos paralelos"¹⁰ e painel de controle. "Além do mais, veja que belo acabamento dando a impressão de um verdadeiro aparelho ortopédico"¹¹.

O casal Sr. Carlos e Sra. Helen só se sentem seguros para realizar a viagem que pretendem, quando têm a certeza de que o filho será

"... entregue a uma pessoa inteligente e instruída"¹².

O próprio personagem-narrador, por si mesmo, toma a iniciativa de submeter Peggy a determinados aprendizados, buscando dessa forma uma mudança de comportamento. Em outras palavras, o personagem-narrador tinha no íntimo a secreta vontade de

que Peggy, pelo conhecimento racional criasse mecanismo para romper suas próprias barreiras. Diz ele:

"Repeti a experiência vezes seguidas, com método e paciência, até que me certifiquei..."¹³.

Nessa tentativa de humanizar Peggy pelo conhecimento da razão, o preceptor recorre, inclusive, ao emprego da música e do exercício físico (banho de mar), como dois elementos capazes de identificar impulsos e despertar novas percepções.

Como se pode observar na transcrição dos dois últimos textos, as palavras em negrito têm visível caráter referencial e por isso são capazes de nos oferecer indícios para se desvendar alguns componentes do fazer criativo.

Isto posto, entendemos que "A Coleira de Peggy" é uma narrativa onde a fabulação determina seu processo construtivo, o que o autor realiza pondo em choque forças adversas.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹SOARES, Iaponan. **Panorama do Conto Catarinense**. 2.ed., Porto Alegre, Editora Movimento - MEC, 1974, p.140.
- ²**A Coleira de Peggy**. 3.ed., São Paulo, Editora Ática, 19 e **A Sonda Uretral**, Rio de Janeiro, Editora Codecri, 19
- ³ATAÍDE, Vicente. **A Narrativa de Ficção**. Curitiba, Editora dos Professores, 1972, p.50
- ⁴Panorama, op. cit., p.140.
- ⁵Idem, p.141.
- ⁶Idem, p.141.
- ⁷LUKÁCS, Georg. **Ensaios sobre Literatura**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965. p.54.
- ⁸MACHADO, Janete Gaspar. **Os Romances Brasileiros nos Anos 70**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1982. p.56.
- ⁹Panorama, idem, p.140.
- ¹⁰Idem, p.142.
- ¹¹Idem, p.142.
- ¹²Idem, p.143.
- ¹³Idem, p.143.



JANDIRA